

Dizer “Deus” é legítimo?

Dizer “Deus” é legítimo? Não há homem que não o conheça, pelo menos por boatos; porque falamos sobre isso: não há linguagem que não o nomeie. Legitimamente? [...] Uma tradição secular e autoritária reconheceu-o como a origem da realidade, a causa e a fundação do mundo.

Nos tempos modernos, as escolas filosóficas de impacto extraordinariamente vasto e credenciado negaram à razão humana o direito de falar de Deus e a possibilidade de conhecer Deus (Kant); desacreditaram toda a estrutura tradicional que exigia sua presença (Nietzsche); denunciaram a referência a Deus como evasiva de um compromisso humano responsável (Feuerbach-Marx).

Foi mais ou menos assim que Zelindo Trenti se expressou em um de seus textos de reflexão sobre o tema da religiosidade e da fé. Hoje provavelmente seríamos levados a pisar as cores e considerar a situação das religiões e da religiosidade humana de uma maneira diferente e com tons mais dramáticos. A pandemia a nível planetário, o surgimento de novas ameaças climáticas e infecciosas, a guerra no coração da Europa, o sinal das “igrejas vazias” são fenômenos que caracterizam a nossa era enquanto cenários inesperados e imprevisíveis continuam a tomar forma.

Existem muitas e variadas abordagens científicas para essa fronteira do pensamento humano e a gama interpretativa que vai da negação ao absoluto é vasta. Entre os extremos destacam-se várias posições peneiras de considerações mais ou menos incertas, mais ou menos autênticas, mais ou menos significativas dependendo da singularidade de sujeitos e grupos aos quais pertencem, culturas e experiências históricas.

A missão evangelizadora e a catequese da Igreja são afetadas por este húmum mais ou menos resistente ou acolhedor, mais ou menos ingênuo (para não dizer intolerante) ou crítico e cético, mais ou menos significativo e interessado na vida ou desamarrado dela, muitas vezes indiferente e desviado para outros horizontes de sentido ou não-sentido.

Entre as muitas experiências emblemáticas, a do sociólogo e teólogo Tomáš Halík é um indicativo não apenas para ler a complexa realidade em que habitamos, mas também para traçar novos caminhos e espaços¹. Livres para a pesquisa religiosa, talvez tenha chegado a hora de abandonar muitas daquelas palavras piedosas que temos continuamente em nossas bocas e bandeiras. Essas palavras, devido ao uso contínuo, muitas vezes muito superficial, são consumadas, usadas, perderam seu significado e seu peso, esvaziaram-se, tornando-se leves e fáceis. Outras, por outro lado, estão sobrecarregadas, rígidas e enferrujadas; tornaram-se demasiadas pesadas para poderem exprimir a mensagem do Evangelho, a Boa Nova. Algumas palavras piedosas hoje soam como tambores estourados, eles não são mais capazes de cantar a glória de Deus – “eles não sabem dançar”, assim como Nietzsche esperava de um Deus em que ele poderia ter acreditado. Nietzsche, que descendia de uma linhagem de pastores protestantes, havia implacavelmente diagnosticado em nossos sermões a presença de um “peso de espírito”, e especialmente da “moralina”, o veneno da moralização rude e azeda. Essa pseudo-seriedade, soberba e sombria – uma indicação de falta de humor e espontaneidade, de falta de liberdade interior – sempre me lembra de Micol, a filha de Saul, que o desprezara quando o rei Davi dançou diante da arca, depois de todo esse tipo de devoção ser punida, como no caso dele, com a esterilidade².

As reflexões recolhidas neste segundo número da Revista Pensar em 2022 oferecem uma visão geral e variada, fruto da atenção inter e transdisciplinar que a própria Revista sempre cultivou, em conexão e colaboração com várias e diversificadas instituições. Aos especialistas envolvidos que concordaram em interagir sobre os vários temas vai nosso agradecimento e, em particular, aos professores que continuam motivando e incentivando os discentes a produzirem boas reflexões que favoreçam a discursão com outros pensadores.

Assim, a nossa Revista sente-se continuamente desafiada a interagir com a investigação, com os desafios do passado e a captar os do presente para um serviço cultural e eclesial que, olhando para o futuro, seja igual aos novos desafios e evangelicamente proféticos.

Washington Paranhos

Cláudia Maria Rocha de Oliveira

Luiz Carlos Sureki

¹ HALÍK Tomáš, A Igreja existe para todos, não apenas para aqueles que têm fé. Entrevista com Tomas Halik é editada por Céline Hoyeau, publicada por La Croix, 30-05-2020. A tradução é de Luisa Rabolini. Em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/599609-a-igreja-existe-para-todos-nao- apenas-para-aqueles-que-tem-fe-entrevista-com-tomas-halik>. Acesso em 16 de dezembro de 2022.

² Cf. 2Sm 6,15-16.